

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

VESTÍGIOS LUSITANO-ROMANOS DA HERDADE DO ESCATELAR.

RIBEIRO, Margarida

Ano: 1964 | Número: 74

Como citar este documento:

RIBEIRO, Margarida, Vestígios lusitano-romanos da Herdade do Escatelar. *Revista de Guimarães*, 74 (1-2) Jan.-Jun. 1964, p. 158-162.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Vestígios lusitano-romanos da Herdade do Escatelar

Por MARGARIDA RIBEIRO

A notícia do aparecimento de alguns materiais de cerâmica, durante as escavações a que se procedeu para instalar, numa grande área, um sistema de drenagem, levou-nos a visitar a Herdade do Escatelar, situada a alguns quilómetros de Coruche.

Numa manhã de Março de 1959, saímos em direcção à Quinta Grande, na margem esquerda do Sorraia, percorrendo os caminhos vicinais que se alongam através do «chaparral», a sul de Coruche, e dos arrozais que bordejam a Ribeira de Canha, já no termo do concelho de Montijo.

As habitações do Escatelar, como é vulgarmente designada esta grande propriedade rústica, localizam-se num pequeno outeiro, cujo pendor nordeste vai morrer junto da Ribeira de Canha ou Almansor, oferecendo ao agricultor uma larga zona de terra produtiva.

Exactamente neste declive fronteiro às habitações, aparecem, à superfície e a uma profundidade de cerca de 0,80 m, numa extensão apreciável, grande quantidade de restos arqueológicos que os agentes físicos e os engenhos agrícolas, em sucessivas gerações, têm danificado e reduzido.

Durante os trabalhos a que nos referimos, os operários retiraram muitos fragmentos de material que foi depositado junto da Ribeira para servir de entulho e impedir a entrada da água naquela zona.

Quase intactos, obtiveram-se quatro pequenos vasos de cerâmica grosseira, dois pesos de tear, uma série de tijolos (tipo *tetradorum* e *lidium*), um telhão que parece ter servido de conduta de água, uma telha de rebordo alto (*tegula*), destruída no ângulo superior direito,

uma telha completa (*imbrex*), partida pelo meio, e nove tijolos em forma de quadrante para construção de colunas.

Todos estes materiais se encontram em poder do Sr. António José da Veiga Teixeira, co-proprietário da herdade.

No rebotalho de cerâmica, disperso por toda a área, é fácil encontrar rebordos, golas, asas, fundos de ânforas e de dólios, fragmentos pequeníssimos de pasta fina e restos de materiais de construção.

Deduz-se que uma bem ordenada escavação, abaixo do nível descoberto, não deixaria de revelar a existência de mais importantes ruínas, que certamente nos elucidariam sobre a natureza da actividade romana desenvolvida naquela zona ribeirinha de clima propício ao germinar das sementes e à criação de gado.

Um acaso proporcionou-nos encontrar, no momento em que procedíamos à recolha dos materiais que se encontravam no fundo de uma vala, à profundidade já referida, um *denarius* do Séc. I, cunhado em Constantinopla e que, por ser único, não nos permite adoptar uma cronologia quanto à fundação da vila.

O numisma está muito danificado, tornando difícil a leitura da legenda e a identificação da figura representada no reverso. Tem a seguinte interpretação:

— *HADRIANVS AVGVSTVS P P*. Cabeça laureada, voltada à direita.

R:— *COS*. Figura de mulher, sentada, voltada à esquerda, erguendo a mão direita (*Providencia? Hispania?*).

A leitura apresentada coincide com a descrição de algumas moedas de prata daquele imperador (1), nas quais a *Hispania* e a *Providencia* eram personificadas erguendo a mão direita, segurando, aquela, um pequeno ramo de oliveira.

Todavia, mais rico e valioso, pareceu-nos o achado de um fragmento de mosaico policromo, aplicado na

(1) Cf. Henry Cohen, *Description Historique des Monnaies*, Paris, 1859, Tome II.

soleira da porta de entrada na residência senhorial da herdade.

Está orientado na direcção NNE — SSW, tendo de comprimento 1,762 m e de largura máxima 0,354 m.

Possui as características do *opus tessellatum*, apresentando um só tipo de tesselas (quadradas), dispostas paralelamente, sugerindo ter sido rodeado pela trança que mostra em perspectiva. É decorado, na superfície interior, com os elementos geométricos do antigo *opus sectile*, os *trigoni* e os *rhombi*, conservando também, na gama das cores das tesselas, um certo tradicionalismo.

O aspecto geral do mosaico revela um trabalho rude, denotando falta de cuidado na preparação e na selecção das tesselas, sendo esta determinada, possivelmente, pela necessidade de aproveitar materiais, embora em detrimento do nível artístico da obra.

Talhadas um pouco irregularmente, as tesselas mostram, na sua maioria, uma superfície quadrangular de 1 cm².

O branco, o preto, o cinzento escuro, o amarelo, o vermelho e o rosa, são as cores empregadas, deduzindo-se que o rosa, aplicado esporadicamente, pode ter substituído o branco e o vermelho.

Os segmentos que limitam algumas figuras interiores estão dispostos geomètricamente de modo a definir planos, salientados pelo emprego de cores alter-nadas.

A trança mede 123 mm. de largura e é composta por 4 ordens de tesselas com as seguintes cores, contornadas, alternadamente, a branco e preto, em cada segmento de curva: amarelo, cinzento, vermelho e cinzento.

Segue-se, àquele elemento, uma barra branca com 49 mm. de largura, constituída por 4 ordens de tesselas dispostas paralelamente, na qual se verifica a aplicação de algumas tesselas rosadas; e uma barra preta com 25 mm. de largura, formada por 2 ordens de tesselas e que deveria, como a primeira, rodear o mosaico.

A composição a que chamamos central, teria sido constituída por dois triângulos isósceles opostos pelo vértice menor, delineados por 3 ordens de tesselas brancas e centrados por figuras afins assinaladas a preto.

Os losangos, dispostos no sentido da largura da porta da residência, estão delineados por 2 ordens de tesselas pretas e 3 ordens brancas, com utilização de algumas tesselas rosadas, apresentando-se decorados e policromados simètricamente. Têm as seguintes dimensões: 538 (D) × 250 (d) mm.

No interior destes, 2 ordens amarelas e 1 branca; 2 ordens cinzentas e 1 branca; 2 ordens amarelas e 1 branca; e mais 2 ordens de tesselas cinzentas e 1 branca, formam um sistema de quatro planos que se interceptam, demarcando uma superfície peltiforme irregular, decorada a branco.

Concluimos que se trata de um *pavimentum tessellatum* tardio, em virtude do tamanho das tesselas e do emprego da trança, bastante divulgada nos mosaicos do Séc. III.

As proporções dos elementos ornamentais, facilmente apreciadas tomando por referência os mosaicos do pavimento da sala onde se encontra o fragmento musivo; e a disposição dos mesmos elementos, sugerem que, aquele, quando completo, deveria ser de reduzidas dimensões, semelhante aos que se usavam no vestíbulo da residência das famílias patricias.

Como elemento antigo de decoração, comum a vários povos, salienta-se o triângulo. Empregado, desde a Pré-História, transcendeu os limites da escultura e da pintura, inspirando aos architectos de Pompeia a construção do célebre Foro Triangular, limitado por 100 colunas.

Um depoimento do Séc. XVIII (1) refere-nos uma tradição relacionada com o nome da ribeira, noticiando-nos também a existência, naquela época e em lugar declarado, de alguns restos arqueológicos: ...«*Foi nos tempos antigos conhecido o sítio da Ribeyra de Canha com o nome de Ribeyra das Flores, e ainda no presente se conservam alguns padrões na fonte do Ouro e de Bel-monte, títulos que bem dão a conhecer a sua amenidade.*»

Não dispomos de elementos para fundamentar ilações; todavia, não nos parece despidiendo atribuir

(1) Cf. Padre Cardoso, *Dicionário Geográfico*, Vol. VII, N.º 1, p. 691 — «Rio», Int.º IV.

ao citado depoimento, em conformidade com as antigalhas que fomos encontrar a montante do local concretamente referido, uma certa ligação com a actividade romana desenvolvida no Escatelar, porventura dilatada pela áreas vizinhas.

A Ribeira de Canha, assim designada desde a Idade Média, como se prova com o texto de algumas cartas régias (1), com os textos do próprio foral da Vila (2) e de algumas cartas do Livro de D. João de Portel (3), mantém, entre o povo rural, a mesma nomenclatura, tendo-se extinguido a tradição, possivelmente limitada a uma pequena faixa concelhia, que lhe deu o nome de Ribeira das Flores.

Modesta contribuição para a arqueologia, tem contudo o mérito de registar os achados descritos e alargar a área cultural do período lusitano-romano (4).

Permito-me acrescentar que se ignora o local exacto de onde foi retirado, na Herdade referida, o fragmento musivo de que nos ocupámos.

(1) Cf. Carta de D. Sancho I (Doação de Montalvo do Sor aos Franceses), transcrita no L.^o V da Chancelaria de D. Dinis, fol. 51 e no L.^o VI de Místicos, fol. 23/v; e Carta de D. Afonso III (Doação aos Francos de nação), L.^o V, fol. 52.

(2) Cf. *Leges*, p. 626.

(3) Cf. *Arquivo Histórico Português*, Lisboa, 1906, Vol. IV, p. 387, Carta N.^o XXXVI.

(4) Comunicação apresentada na Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, em 15 de Março de 1962, como consta na Acta N.^o 33 da citada Secção.

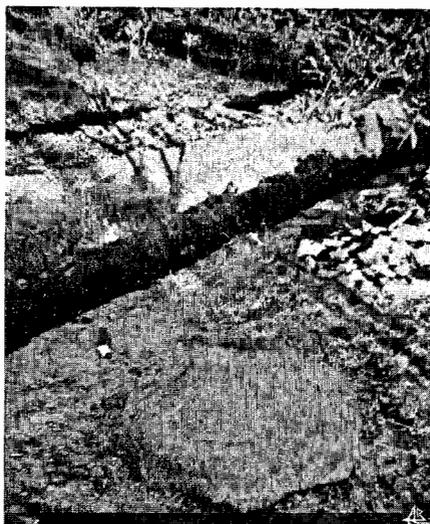


Fig. 1 — Corte mostrando alguns fragmentos de argamassa envolvidos na terra arável. À direita, os materiais exumados da vala indicam o local de onde foi retirado o numisma.



Fig. 2 — Denário do Imperador Adriano (ampliado).

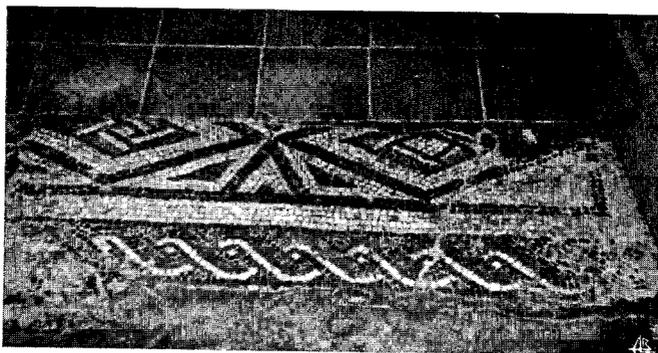


Fig. 3 — *Fragmento musivo adaptado na entrada da residência da Herdade do Escatelar.*